

Design ativismo como prática cidadã contemporânea

José Carlos Magro Junior;

Mônica Cristina de Moura;

Márcio James Soares Guimarães

resumo:

Este artigo contempla a ação do design contemporâneo, no qual novas práticas são associadas ou retomadas, como a preocupação social e política, por meio do ativismo e da cidadania. A leitura do contemporâneo exige do design novas capacidades, como análise histórica e relações interdisciplinares, ampliando e questionando as ações nos tempos atuais. Através da pesquisa bibliográfica com revisão assistemática e estudo de caso, serão traçados paralelos entre design, cidadania, política e sociedade. O objetivo geral é refletir sobre a cidadania no escopo do design contemporâneo, através de ações teóricas e práticas, promovendo uma percepção do design que está além da produção de objetos, e próximo a questões sociopolíticas. Pretende-se promover a discussão e o interesse sobre a atuação ativista no design contemporâneo.

palavras-chave:

Design Ativismo; Design Ativista; Design Contemporâneo; Responsabilidade Social; Design Sociopolítico

1 Introdução

Este artigo se desenvolve a partir de uma investigação a respeito do design em relação a sua dimensão cidadã. Partindo do pensamento de que o design contemporâneo, como reflexo do tempo atual, passa a guiar-se por práticas voltadas ao exercício da cidadania, envolvendo diferentes olhares sobre as problemáticas que constituem o tempo presente, e reafirma e expande o design em ações a favor de questões relacionadas ao social.

A proposta é apresentar o design contemporâneo como plano de fundo para outras questões que serão abordadas adiante, como a relação entre design, ativismo, política, cultura e sociedade, estabelecendo relações com ações de cidadania. Neste artigo serão apontados caminhos por onde o design se relaciona com outras práticas, questionando e refletindo sobre atuação, produção e valores éticos. Ao fim será apresentado um estudo de caso, que corrobora com a fundamentação teórica discutida anteriormente, explicitando modos de atuação do design em função de práticas sociais e cidadãs.

Para tal será utilizado o método de pesquisa bibliográfica assistemática, em livros e materiais validados cientificamente, além de estudo de caso da conta Design Ativista (@designativista) na rede social Instagram. A natureza da pesquisa é qualitativa, com o objetivo geral de refletir teoricamente sobre a cidadania no contexto do design contemporâneo que incidem sobre o pensamento da cidadania. A partir da fundamentação teórica serão apresentadas ideias relativas à discussão do problema.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Fundamentação teórica

Para fundamentação teórica, o tema será dialogado com autores do design e de outras áreas do conhecimento, propondo uma abordagem interdisciplinar, uma vez que apenas a compreensão do design não permite uma leitura completa nos tópicos aqui apresentados, tendo em vista que a contemporaneidade exige outras competências-chave e relações para produção do conhecimento. Tais como Papanek (1971; 2007), Adorno e Horkheimer (1985), Bomfim (1997), Heller e Vienne (2003), Margolin (2006), Denis (2008), Agamben (2009), Fuad-Luke (2009), Thompson (2009), Thorpe (2011), Moura (2014) e McCoy (2018).

2.1 Design Contemporâneo

A contemporaneidade legou ao design novas urgências e emergências frente às inúmeras crises – econômicas, sociais, políticas e sanitárias – que incidem sobre o tempo presente. Constituído por multiplicidades, concordâncias e divergências, o contemporâneo reflete no design a manifestação de subjetividades e sensibilidades, que culminam nos projetos, nas criações e na produção de conhecimento.

Para se compreender as tessituras que compõem a realidade contemporânea, exige-se atenção à leitura do tempo presente em conformidade com a complementação histórica e subjetiva (sensível) que o formam. Agamben (2009), define o contemporâneo como tempo dissoluto e anacrônico, logo, o sujeito contemporâneo é aquele que tem capacidade de perceber as trevas – as barreiras do nosso tempo –, e a partir delas, procurar uma forma de interpretação.

Com o rompimento das fronteiras, apontado por Moura (2014), o design contemporâneo se encontra na pluralidade, onde novas dinâmicas tomam corpo e novos diálogos aparecem, ou retomam a partir das novas complexidades. Preocupações políticas, sociais, econômicas, culturais e ambientais, de certo modo, estiveram nas pautas do design nas últimas décadas, mas a forma com que a discussão é tomada no tempo presente é o que difere do passado recente.

Na contemporaneidade, diferentes campos de conhecimentos se encontram conectados para apresentar soluções que atendam às novas e complexas necessidades da sociedade, através de métodos interdisciplinares e transdisciplinares, combinando elementos na construção soluções. O design,

enquanto área que apresenta soluções aos problemas sob a configuração de objetos ou sistemas, permite através de sua natureza interdisciplinar o uso de métodos indutivos, obtidos através da observação desta realidade (BOMFIM, 1997).

A consideração de um objeto, qualquer que seja, supõe inicialmente a existência de um sujeito. Não há sentido em objeto sem sujeito, pois o objeto, entendido como “coisa”, “fato”, “representação”, “conceito”, “pensamento” etc., só existe dentro dos limites de nossas experiências, de nosso conhecimento e de nossas linguagens. Assim, as características de um objeto são, na verdade, as interpretações subjetivas que dele fazemos (BOMFIM, 1997, p. 37).

Pode-se identificar que o papel do designer, em sua ação projetual, se estabelece entre o sujeito e o objeto, atuando na relação entre os dois, e cabe ao designer atenção na percepção de sua representação dentro do jogo social ao projetar, tendo em vista que, ambos, sujeito e objeto, estão sempre em transformação. Isso aponta o grau de complexidade existente entre o ato de projetar, que se encontra ampliado dentro das questões contemporâneas, tendo em vista os níveis de atuação que envolvem a ação social e política do design.

Papanek (2007) aponta o design como um processo experimental direcionado para o futuro, que cria uma ordem de sentido tanto no trabalho intelectual quanto a partir de níveis profundos de intuição e sensação. Em todos os seres humanos existem necessidades que operam em diferentes ordens, e nesse sentido, é tarefa dos designers procurar através de sua atuação a satisfação desses anseios, realizando um trabalho que se envolve com as subjetividades desses sujeitos. Atuar em processos de subjetividade envolve o domínio de uma bagagem teórica e cultural, para leitura e análise, pois a interpretação em processos de subjetividade se torna complexa na medida que os usuários presentes na sociedade contemporânea se relacionam com novos tipos de problemáticas no seu dia-a-dia.

A cidadania é outro tipo de atuação que encontra no design contemporâneo uma possibilidade de atuação mais efetiva, a partir dos questionamentos e das bandeiras que são levantadas no tempo recente. O designer, como produtor e difusor de informações, encontra na contemporaneidade um papel cidadão, que reflete uma necessidade de atenção às causas de ordem social, partindo e direcionando o design para ações que apresentam soluções para demandas que partem da ordem dos menos favorecidos e das injustiças presentes na sociedade. Neste artigo, serão apontados caminhos por meio dos quais o design se relaciona com outras práticas, questionando e refletindo sobre atuação, produção e valores éticos.

2.2 Design, cidadania e política: relações

Embora a cidadania e política estejam relacionadas no percurso histórico do design, a contemporaneidade trouxe a bandeira das práticas cidadãs e políticas para a discussão presente no campo do design, refletindo um anseio social nos questionamentos sobre temas que antes ficavam restritos a certos tipos de discursos, longe do interesse inerente das práticas projetuais.

A questão política se relaciona diretamente com a cidadania, que também reflete no modo de atuação dos designers, seja pelo desinteresse, seja pela despolitização. Cidadania e política, questões subestimadas ou até mesmo esquecidas dentro do design, podem ser assimiladas pelas configurações das instituições de ensino, associações e pelas próprias hegemonias políticas presentes no Brasil, dentro de um sistema capitalista – como repressor e alienador – refletido sobre a rigidez ou pela falta de consciência crítica sobre a atuação profissional. Na contemporaneidade, essas pautas ressurgem como um interesse necessário, um acerto de contas do tempo presente, perante os questionamentos levantados por grupos sociais tidos como minorias – nomenclatura incompatível e desconexa – em diferentes partes do mundo, e que refletem sobre a ação do design contemporâneo.

Para entendimento das questões colocadas acima, carece a compreensão a respeito do sistema capitalista em que se inserem tais situações. Adorno e Horkheimer – expoentes da Teoria Crítica da sociedade – evidenciam uma mudança do sistema capitalista, agora tratado como um capitalismo administrado, um sistema que se fecha em si, bloqueando qualquer possibilidade de dominação através de uma ação emancipatória (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Na reflexão desses autores, que corrobora com a percepção a respeito da política e cidadania, são apresentados fatores que questionam como uma sociedade livre acabou por produzir um sistema social conformista, que não permitiu através da racionalidade, uma vida emancipatória. Esse sistema – capitalista – se configura, agora, como algo controlado por forças políticas que invadem a produção cultural e a prática do design, tendo em vista que o design ainda se encontra preso a grandes instituições e empresas, sendo uma ferramenta para as corporações na perpetuação de seus poderes.

Para Thompson (2009), ideologia e cultura trouxeram inúmeras contribuições à Teoria Social Contemporânea, na qual podemos identificar em todas as sociedades a produção e a troca simbólica – por meio de expressões linguísticas, gestos, ações, obras de arte, etc. – sempre foram características que ocuparam espaço no espectro da vida social. Bomfim (1997) concorda na afirmação do design como instrumento para a materialização e perpetuação de ideologias e valores dominantes de uma sociedade, sendo tarefa do design delinear indivíduos e reproduzir realidades, através dos objetos que cria. Essa tarefa, que mescla ideologia e cultura, torna-se importante, pois aponta no design uma atenção e responsabilidade ética.

Dentro da história do design, pode-se encontrar diversas ações de cunho político, restritas ao seu tempo e sendo revistas na atualidade como um complemento histórico. Incipientes do pensamento progressista Inglês, que legava ao design uma militância política, John Ruskin e William Morris argumentavam que o poder do design na alteração da sociedade residia mais na forma de suas relações de trabalho do que nas formas atribuídas à construção de um produto (ANTHONY, 1983; DENIS, 2008).

Ruskin e Morris foram contemporâneos em seus textos críticos e na sua atuação ativista e militante, pois desde o final do século XIX já viam o design como algo além da produção do objeto, relacionando a área muito mais a questões de ordem social, política e ambiental, e menos à configuração de novos objetos ou produtos, que sustentam uma rede de produção liberal de produção e exploração.

Explorar a Teoria Crítica da Sociedade, assumida pela Escola de Frankfurt, como recurso teórico-metodológico, pode ser uma alternativa para o enfrentamento das questões aqui colocadas, principalmente através da chance de referenciar uma postura crítica pensada como um projeto de emancipação social, que reflete no design como área de produção, e frente à contemporaneidade, contribuem nas questões que se desenvolvem a partir deste, como atuação política, ativista, cidadã, com ética e responsabilidade social.

Tomando por base questionamentos trazidos ao design por Papanek (1971) em um período marcado por manifestações sociais, temas como consumo, tempo dos objetos, reutilização, reciclagem e diversidade foram associados ao senso de responsabilidade e cidadania. O autor foi pontual, e talvez por isso seus escritos ecoam nos tempos atuais – o design deve ser responsável social e ecologicamente –, e além disso, deve ser revolucionário e radical. Podemos inferir que Papanek é um dos primeiros autores a tratar o design como ativismo, relacionando a área a questões de atuação política, ativista, militante e subversiva, que toma, cada vez mais, espaço nas discussões contemporâneas.

Heller e Vienne (2003) apontam questões necessárias referentes à atuação política e social dos designers, na coletânea intitulada *Citizen Designer*, onde são confrontadas novas configurações sociais e fronteiras da área, indicando uma postura crítica dos designers, seja na atuação profissional ou como cidadãos, de forma que é preciso através da consciência crítica e análise do seu tempo, que os designers possam encontrar meios de manifestar sua atuação, seja pelos direitos sociais ou políticos.

McCoy (2018) faz um questionamento de como uma sociedade heterogênea pode desenvolver valores compartilhados e encorajar a liberdade das pessoas. E coloca o design e o ensino em design como parte do problema e da resposta. A autora invoca os designers a agir, participando da formação do governo e da sociedade, utilizando habilidades particulares dos profissionais para incentivar outros atores sociais no despertar do senso coletivo e cidadão para participar dessas iniciativas.

A consciência de que o design se desenvolve por uma vertente pautada pelo idealismo social na resolução de problemas ficou esquecida, e na área o que sobra é a isenção de responsabilidades frente ao estado emergencial dos problemas do nosso tempo. Os designers são colocados a repensar sua atuação profissional, mas também sua atuação cidadã, para a percepção de que fazem parte de um esquema de trocas simbólicas, em que sua ação encontra respostas que vão de encontro ao bem-estar social e a mudança, em níveis maiores ou menores.

Margolin (2006) chama os designers para assumirem seus papéis sociais de transformação, questionando as condições de trabalho e produção, uso dos materiais, consciência do impacto do uso, e seus efeitos no âmbito público e privado, e acrescenta que, embora o mundo seja dominado por um sistema capitalista de corporações e instituições poderosas, cujo poder político transcende, também há nesse tempo contemporâneo o oposto, pessoas e grupos que estão se reunindo para discutir como a comunidade pode construir um caminho para um mundo melhor e mais justo. E esse grupo só terá efetividade se for unido, se contar com o interesse e a atenção da comunidade em geral, pensando e reunindo em conjunto ações, seja pelo meio digital, ou através de boicotes, petições eletrônicas, ou outras novas formas de protesto que emergem diariamente, as quais, ao menos, permitem um espaço de diálogo para afirmação de ideais, planejamento e preservação da democracia.

Eu vejo o designer como tendo três possibilidades de introduzir seu próprio talento para a cultura. A primeira é por meio do design, que é, fazendo coisas. A segunda é por meio de uma articulação crítica acerca das condições culturais que elucidam o efeito do design na sociedade. E a terceira possibilidade é por meio da condução de um engajamento político (MARGOLIN, 2006, P. 150).

Papanek aponta o incômodo dos designers com o conceito de “responsabilidade social” (2007, p. 51) dentro de seus projetos, e pontua o pós-modernismo como um vácuo de consciência e preocupação social dentro da prática do design. A cultura de produção, impulsionada na sociedade de consumo através da valorização estética nos projetos está entregue em si mesma, esquecida de valores comunitários e práticas cidadãs, em que os objetivos colocados pelo sistema capitalista e pelas práticas industriais neoliberais deixaram a responsabilidade social do design fora da prioridade, permitindo o triunfo da política aliada ao lucro.

As relações do design, na contemporaneidade, estão conectadas à política, cidadania, ativismo, refletidas na ideologia e cultura, sendo tarefa do designer contemporâneo compreender os níveis de envolvimento que cercam a produção contemporânea e as possibilidades de atuação frente às complexidades. Relacionar tópicos de política, ideologia e cultura são complementos teóricos que permitem uma leitura da realidade a partir de diferentes óticas, conectadas através do sistema social que as envolve. Atuar no design contemporâneo é ter a possibilidade de repensar práticas e reafirmar valores, a partir do entendimento da realidade e das possibilidades que se tornam possíveis pelo esclarecimento das práticas projetuais, aliadas às questões éticas, em prol de melhorias.

2.3 Design ativismo como prática cidadã contemporânea

O design ativismo é uma prática que encontra subsídios no desenvolvimento, reflexão e ação através das questões abordadas pelo design contemporâneo, onde tópicos são retomados pelo designer, como indagações ligadas à atuação social, política, cidadã, em níveis culturais, ambientais e sensíveis, e por suas relações com arte, artesanato, práticas vernaculares, sustentabilidade, entre outros (MOURA, 2014). Embora, como apresentado anteriormente, notas politizadas e ações ativistas tenham acontecido de maneira tímida em outros momentos, diferenciado a tomada de postura encontrada no contemporâneo.

Thorpe (2009) a partir de uma visão sociológica, define o design ativismo na contemporaneidade para o qual os interesses convergem para questões de impacto social, design de serviço público e amplas propostas de como a sociedade pode se organizar, além de interrogações referentes às práticas de consumo e o papel da estética dentro da sociedade contemporânea. As variações de atuação do design ativismo partem de agendas culturais à socioambientais, questionando

o uso e descarte, representação dos grupos invisibilizados, mudanças causadas no âmbito da sustentabilidade e das práticas associadas à sociedade de consumo.

[...] uma definição derivada do ativismo convencional é uma maneira de posicionar os designers de maneira mais direta e consciente dentro da política e fornecer a eles ferramentas conceituais específicas para "agir". Isso contrasta com as explorações do "político", que tendem a ser mais abstratas (por exemplo, no nível do discurso cultural) e geralmente se concentram no papel do design em manter padrões dominantes de poder. Por outro lado, o objetivo do ativismo é fornecer um desafio mais focado aos padrões dominantes de poder e derrubá-los em favor de algo melhor. Nesse sentido, os conceitos de grupos de disrupção, enquadramento, revelação e negligência tornam-se ferramentas para a elaboração de projetos de design ativista (THORPE, 2009, p. 14. Tradução nossa).

A reflexão de Thorpe contribui para a discussão sobre a importância do estudo sobre o design ativismo e das relações sociopolíticas no desenvolvimento de teoria e prática do design, a compreensão e esclarecimento sobre os conceitos permite que os atuantes dessa prática possam esclarecer suas posições dentro do jogo social. O objetivo do design ativismo é apresentar desafios para o enfrentamento dos padrões dominantes de poder em favor de melhorias e igualdade social (THORPE, 2009).

Para Fuad-Luke (2009) o design ativismo indica um projeto de pensamento, imaginação e prática, aplicadas consciente ou inconscientemente para criar contra narrativas destinadas a gerar e equilibrar mudanças de ordem social, institucional, ambiental e econômica. Assim, o design ativismo atua em conceitos amplos incorporados nas características do design. Datando de Morris ao Movimento de Reforma do Design, o design ativismo é definido como um movimento de ordem social, baseado nas raízes do design, relacionado a movimentos e processos sociais que emergiram através de mudanças na sociedade.

A ênfase na 'contra narrativa' é importante, pois sugere que ela é de alguma forma diferente da narrativa principal, seja aquela que é explícita e coletivamente aceita pela sociedade como sendo '*mainstream*' ou implícita no comportamento aceito (o paradigma subjacente). A implicação é que o design ativismo exprime outras possibilidades além daquelas que já existem com o objetivo de provocar mudanças e transformações sociais (FUAD-LUKE, 2009, p. 27. Tradução nossa).

Pensar sobre design ativismo dentro dos contextos apresentados anteriormente, envolvendo política, cidadania, inclusão e sustentabilidade reflete uma necessidade perante as problemáticas sociais, atuando de forma a planejar e repensar ações dentro da área. Nesse sentido, o pensamento do design se torna aplicado ao contexto social inclusivo, participativo e que atua na promoção de melhorias.

Já que as instituições políticas não conseguem promover a mudança de forma estruturada, o design – como prática orientada para o futuro – é um caminho a ser pensado e cada vez mais discutido. Fry (2011) argumenta que no contexto de ineficácia institucional, sustentada por falsos conceitos de soberania e liberdade, uma narrativa poderosa que atravessa a teoria da evolução, antropologia e filosofia, é a capacidade de projetar, que foi profundamente formadora no ser humano, como seres inseridos em mundos projetados, argumentando que é somente pelo design que podemos nos reinventar.

O design ativismo como apontado pelos autores evidencia uma relação com a cidadania, por meio do olhar e ação sobre as diferentes realidades que compõe a vida social e a sociedade que se insere. O design ativismo busca uma percepção sobre as diferenças em prol de ações que o designer pode assumir para o enfrentamento de situações existentes. Dentro do design ativismo é necessário o conhecimento de como pode ser feita essa atuação e mobilização por parte dos designers, para o enfrentamento de questões condicionadas à sociedade, que carecem de atenção e projeto. Logo, o

design ativismo se torna uma ação aliada às práticas de cidadania, promovendo a dimensão cidadã dentro do campo do design.

2.4 Design Ativista - @designativista

Para exemplificar a discussão teórica levantada neste artigo, será feita a análise da mobilização social, política e ativista desenvolvida através do perfil Design Ativista (@designativista¹), na rede social Instagram. Com uma força cada vez maior, facilmente compreendida nos tempos atuais através do interesse pela comunicação e linguagem visual pelas mídias sociais, o fenômeno Design Ativista tange a contemporaneidade do design brasileiro, inflado através de postagens nas redes sociais, ao repercutir, denunciar e apontar questões de impacto social dentro da sociedade brasileira.

O Design Ativista é uma comunidade on-line vinculada ao portal de notícias Mídia Ninja², e utiliza do design – gráfico, visual e de informação – na transmissão de mensagens de cunho sociopolítico, que compõe problemas encontrados em diferentes níveis na realidade do Brasil. O perfil acumula mais de 190 mil seguidores, e a *hashtag* #DesignAtivista possui mais de 36 mil postagens. Através da *hashtag*, designers, artistas e criativos postam suas criações e as mensagens contidas através delas, em formato de imagem e vídeo, que constitui a dinâmica da rede social.

Dentre os temas, o Design Ativista promove campanhas sobre causas de impacto social, como direitos da comunidade LGBTQIA+, comunidade negra, comunidade indígena, além de apontar sobre injustiças sociais com os menos favorecidos, e outros temas ligados à violência urbana, policial, repressão, fascismo, assassinato de jovens negros e pobres, ações políticas antidemocráticas e direitos dos trabalhadores (figura 1 e 2).

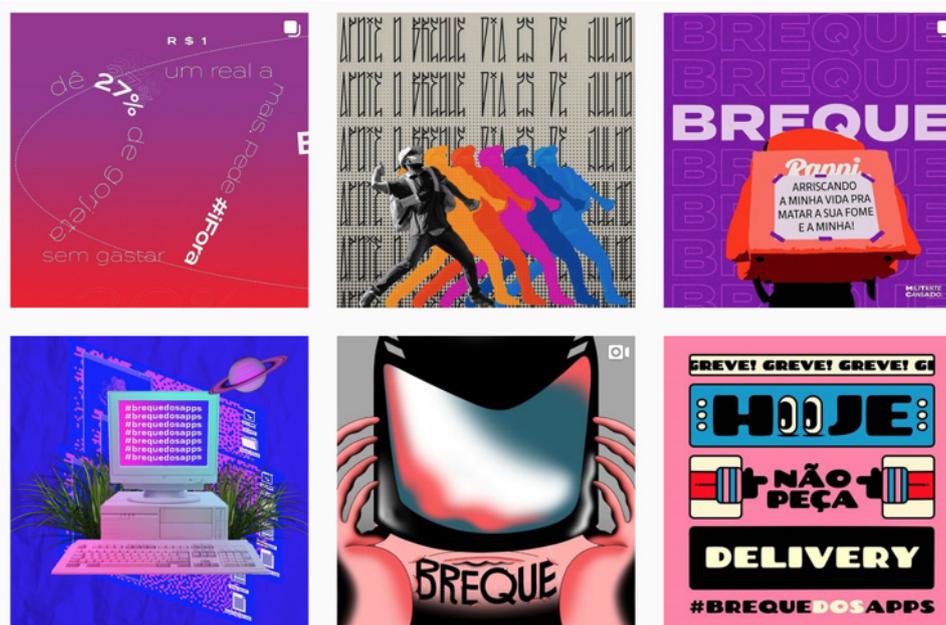


Figura 1 – Breque dos Apps – Protesto dos entregadores de delivery por direitos trabalhistas.

Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

A mensagem veiculada pela comunidade atinge diferentes camadas da sociedade, as postagens do perfil são compartilhadas por artistas, celebridades, cantores, atores e atrizes, à nível nacional e internacional, elevando o contato da mensagem produzida pelo designer. A repercussão do perfil está ocupando um espaço cada vez maior dentro do Brasil, cada postagem que viraliza consegue atingir diferentes públicos que não necessariamente estariam acessando a página, ou que não tem

¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/designativista/>>. Acesso em 08 jul. 2020.

² Disponível em: <<https://www.instagram.com/midianinja/>>. Acesso em 08 jul. 2020.

contato com práticas ativistas. Outro fator de destaque é a conscientização da atuação ativista nos designers, ou outros profissionais criativos, possibilitando com que essa prática possa ser pensada, e talvez até apresentada, para quem é da área, mas que não tem conhecimento desse tipo de ação sociopolítica.

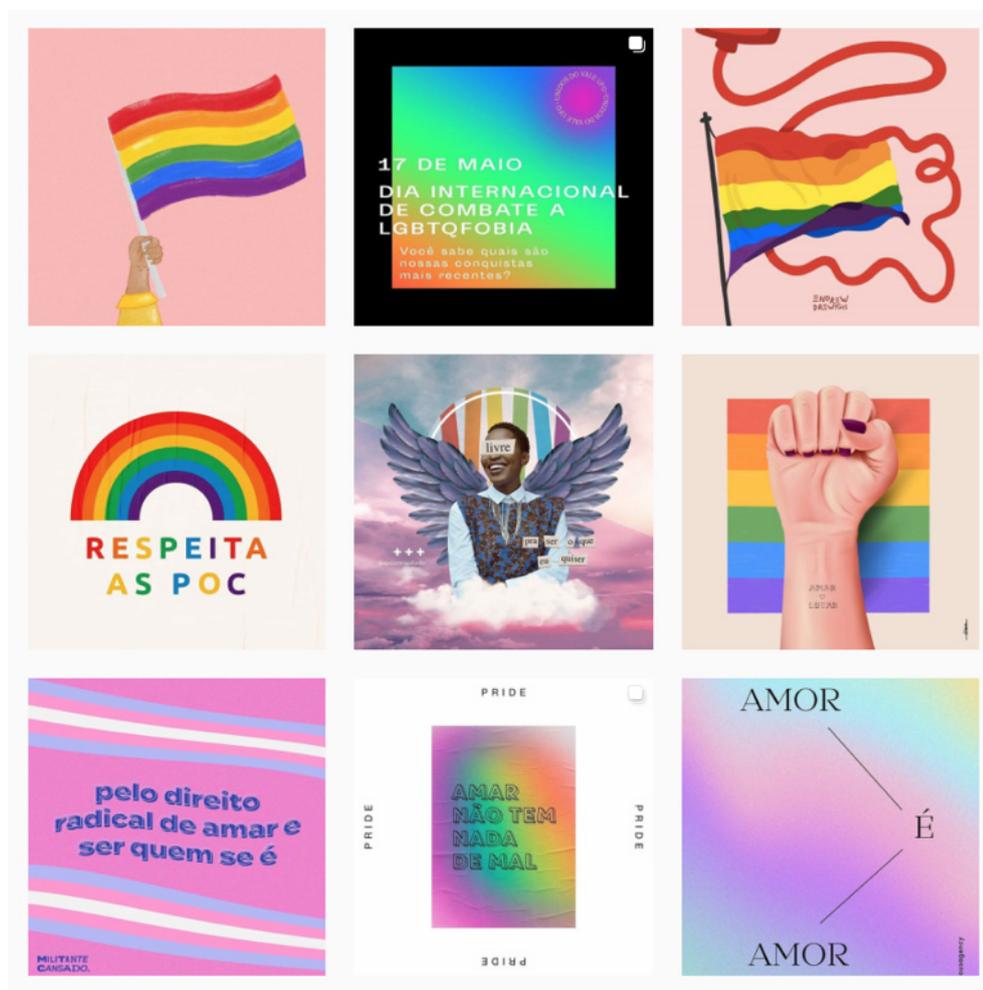


Figura 2 - Dia Internacional de Combate à LGBTIfobia

Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

Desse modo, o papel do Design Ativista está muito além de apenas apresentar uma postagem feita por um profissional, ou apenas uma ilustração que chama atenção no *feed* da rede social, mas sua função está em pensar e coordenar ações que tem uma responsabilidade social, política e cidadã por trás. Dificuldades em medir a efetividade é um ponto presente, mas para que algo seja efetivo, é necessário muito trabalho de base antes, e nesse sentido, o Design Ativista desempenha sua função tanto de indicar e revelar situações, quanto no despertar da consciência cidadã em outros profissionais, permitindo que estes também se juntem ao movimento, e procurem fazer a diferença.

Por meio do que já foi apresentado neste artigo, pode-se perceber a necessidade de mais espaços de discussão sobre esses assuntos dentro do ambiente digital que atuam na promoção de práticas ativistas. O Design Ativista ocupa um papel importante dentro do cenário brasileiro, sendo uma das poucas comunidades on-line que reúne design e ativismo, e as adesões são ampliadas, intensificando ações e disseminando mensagens na rede.

Um exemplo da ação ativista na política brasileira foi durante as eleições de 2018, onde por meio do perfil, diversas imagens e mensagens viralizaram na internet – e fora dela –, como é o caso da criação “Ninguém solta a mão de ninguém”³, da tatuadora mineira Thereza Nardelli, essa postagem

³ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BoT6Fxlj7Qe/>>. Acesso em 08 jul. 2020.

foi para outras redes sociais, virou filtro, virou estampa de camiseta, cartaz, projeção, ou seja, foi ampliada de maneira orgânica. Outra situação envolvendo política em que o perfil atuou foi sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco, em março de 2018, o Design Ativista fez várias campanhas cobrando das autoridades responsáveis esclarecimentos para o caso, que ainda não foi elucidado completamente. Marielle era vereadora do PSOL, militante e ativista pelas causas sociais e pelos direitos humanos, e após seu falecimento se tornou um símbolo de luta e resistência dentro do sistema político brasileiro. Diversos cartazes, postagens, ilustrações, projeções e outras criações tiveram Marielle representada, indicando a grave situação existente em um crime dessa proporção que não foi esclarecido, não permitindo com que o caso fosse esquecido. As postagens sobre Marielle continuam ativas nas redes sociais e são usadas como símbolo para muitas pessoas, as criações estiveram muito além dos próprios designers, sendo usadas como uma bandeira para outras pessoas engajadas pelas mesmas causas e mantendo Marielle como uma figura viva na sociedade brasileira (figura 3).

Portanto, o Design Ativista é uma comunidade on-line que atua dentro da realidade brasileira, atuando e denunciando, situações ocorridas no contexto da vida real. Logo, dentro do Brasil, crescem os movimentos e as manifestações que aproximam o design de uma manifestação sociopolítica, ativista e pautada na cidadania, promovendo ações e estabelecendo posições que buscam questionar, combater ou destacar situações que ocorrem no cenário nacional. Além do mais, o Design Ativista desempenha um papel importante no estímulo do pensamento crítico de uma determinada camada da população, aliado à ação social do design, ampliando e destacando a tomada de consciência do design na sociedade contemporânea.



Figura 3 - 500 dias da morte de Marielle Franco
Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

3 Discussão

Na medida em que se avança no século XXI, percebe-se a necessidade crescente dos designers no pensamento e ação voltados ao social, político e a cidadania. Apesar de notas politizadas serem encontradas na história do design junto de um idealismo social, pode-se perceber que poucos são os resultados efetivos dessas práticas e metodologias. Na contemporaneidade, tem-se a retomada desse questionamento, com a ampliação das questões e novas propostas de atuação, e o design tem papel chave nesse processo de transformação e desenho da sociedade.

O design contemporâneo se manifesta a partir da associação com outras áreas do conhecimento, propondo a produção do pensamento e ação que responda às necessidades do tempo presente. O ensino do design, deve estar atento às novas configurações e possibilidades na formação dos jovens designers, combinando suas capacidades projetuais do entendimento de outros conceitos, como geografia cultural, política, antropologia, bem como ecologia, filosofia e ética, que devem ser parte integrante desta formação. A contemporaneidade necessita da ampliação dos conhecimentos para relações que carecem de níveis profundos de entendimento e consciência, relacionados às dificuldades que constituem a realidade.

A área do design precisa estar sempre atenta à percepção da realidade que a circunda, e os designers brasileiros precisam ter noção dos níveis de desigualdades econômicas, culturais e sociais que imperam, características de um país colonizado, com seus inúmeros problemas, repensando seus papéis de atuação que são desenvolvidos a partir de seus projetos. Pelas respostas que surgem na contemporaneidade, a partir da associação entre jovens designers, coletivos, ativistas e militantes, é possível notar que há espaço para esse tipo de ação, propondo novas saídas e soluções frente às inúmeras desigualdades.

Talvez essa seja a grande importância do design na contemporaneidade, ser cada vez mais responsável por uma atuação em níveis ligados ao social e à cidadania, e menos na produção de objetos, que gera inúmeras consequências desastrosas no plano ambiental. O design, enquanto área orientada para o futuro, precisa ter consciência crítica e atuação cidadã, e isso só é possível através da compreensão de seu tempo, do contato com outras realidades, outros sujeitos, atuando no nível da experiência aplicada ao contexto concreto e efetivo.

Os tópicos abordados neste artigo propõem que o design se abasteça de conhecimentos aliados a outras áreas do conhecimento, para que sua prática se beneficie de outras visões de mundo. E o design, como área de direto relacionamento com a sociedade, precisa ter clareza ao propor soluções para os problemas que encarnam a vida destes sujeitos. Acredita-se que o design possa contribuir muito, aliado às práticas interdisciplinares, propondo respostas e agregando capacidades que atuam nos níveis básicos do desenvolvimento social.

4 Considerações finais

O design aqui discutido, representa algo mais fundamental, permanente e expressivo, do que a tradicional relação do design como meio de produção que forma, alimenta e molda uma sociedade de consumo, a indústria cultural e uma economia baseada na mercadoria. São necessários novos olhares sobre a perspectiva do design na sociedade contemporânea, aprendendo a perceber no tempo presente suas necessidades e acertos de conta.

Estabelecer relações entre design, política e sociedade, através da atuação ativista e da prática cidadã, direcionadas às necessidades que a contemporaneidade exige, ampliam a reflexão do design para além da ação centrada no objeto, permite que novas relações se estabeleçam entre o design e o sujeito, não apenas entre o sujeito e o objeto. Essa é uma característica do design contemporâneo, um design que ajuda a retratar novas visões de mundo através das dificuldades que se multiplicam no cenário recente, promovendo ao designer atuar como um elo importante entre as questões de cunho social e político nos projetos de melhoria desta realidade.

Novas práticas de pensamento e atuação se tornam urgentes, sendo assim, colocar no debate a necessidade de pontuar questões de importância social na difícil realidade vivida por muitos no Brasil, é de suma importância para que a discussão possa continuar, agregando outras visões da mesma realidade para o enfrentamento das questões que operam na ordem do social, retomando princípios do design do início do século XX, quando o pensamento foi aliado ao design para construir um mundo mais livre e justo. Como a efetividade destes não foi suficiente – e por vezes pode ser tida como utópica –, é tarefa dos designers suprir os problemas que incidem na contemporaneidade, se posicionando estrategicamente dentro do sistema social, e a partir dele, propor mudanças.

Design activism as a contemporary citizen practice

Abstract:

This article contemplates the action of contemporary design, in which new practices are associated or resumed, such as social and political concern, through activism and citizenship. Reading the contemporary demands of design new capabilities, such as historical analysis and interdisciplinary relations, expanding and questioning the actions in the present times. Through bibliographic research with unsystematic review and case study, parallels between design, citizenship, politics and society will be drawn. The general objective is to reflect on citizenship in the scope of contemporary design, through theoretical and practical actions, promoting a perception of design that is beyond the production of objects, and close to socio-political issues. It is intended to promote discussion and interest in activism in contemporary design.

Keywords:

Design Activism; Activist Design; Contemporary Design; Social responsibility; Sociopolitical Design

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Argos. Chapecó: 2009.

ANTHONY, P. D. **John's Ruskin Labour**: a study of Ruskin's Social Theory. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BOMFIM, Gustavo Amarante. Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. In: **Estudos em Design**, Volume 5, n 2, dez. 1997.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma Introdução à História do Design**. Editora Blucher. São Paulo: 2008.

FUAD-LUKE, A. **Design activism**: beautiful strangeness for a sustainable world. Earthscan. London: 2009.

HELLER, S.; VIENNE, V. (Org.). **Citizen Designer**: Perspectives on Design Responsibility. Allworth Press. New York: 2003.

MARGOLIN, Victor. **O Designer Cidadão**. Revista Design em Foco, III(2),145-150. 2006. ISSN: 1807-3778. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=661/66111515011>>. Acesso em 24 jun. 2020.

MCCOY, Katherine. Good citizenship – design as a social and political force. HELLER, Steven; VIENNE, Véronique (Eds.). **Citizen Designer: perspectives on design responsibility**. 2. ed. Allworth Press. New York: 2018. p. 188-195.

MOURA, Mônica. **DESIGN BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES**. 1. ed. Estação das Letras e Cores. São Paulo: 2014.

PAPANÉK, Victor. **Design for the real world: Human ecology and social change** (2nd ed.). Pantheon Books. New York: 1971.

PAPANÉK, Victor. **Arquitetura e Design**. Ecologia e Ética. Edições 70. Lisboa: 2007.

THORPE, Anne. **Defining Design as Activism**. 2011. Disponível em:
<<https://designactivism.net/wp-content/uploads/2011/05/Thorpe-definingdesignactivism.pdf>>.
Acesso em 20 jun. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8 ed. Vozes. Petrópolis, RJ: 2009.